



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ÂMBITO
ESCOLAR ATRAVÉS DAS OBRAS ARTÍSTICAS DE FERNANDO BOTERO**

LUCAS VINÍCIUS ARAÚJO LISBOA

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
SETEMBRO DE 2023**

LUCAS VINÍCIUS ARAÚJO LISBOA

**ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ÂMBITO
ESCOLAR ATRAVÉS DAS OBRAS ARTÍSTICAS DE FERNANDO BOTERO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
SETEMBRO DE 2023**

LUCAS VINÍCIUS ARAÚJO LISBOA

ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ÂMBITO ESCOLAR ATRAVÉS DAS OBRAS ARTÍSTICAS DE FERNANDO BOTERO

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba (Orientador)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Júnior
Membro – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Msc. Jadisson Góis da Silva
Mestre em Educação (PPGED - UFS)

RESUMO

A referida pesquisa aqui subsidiada, de abordagem qualitativa, descritiva exploratória, do tipo “experimento de ensino”, traz análises em relação a experiência de ensino, construída a partir da vivência do Estágio Supervisionado em EF II do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Sergipe. O trabalho foi desenvolvido no segundo semestre de 2023 (de julho a agosto) e teve como objetivo realizar uma análise reflexiva em relação à experiência de ensino entre Arte e EF, em consonância com algumas das obras artísticas de Fernando Botero, com alunos do ensino fundamental maior, da rede Municipal de Ensino de Nossa Senhora do Socorro/SE. Foram realizadas 10 aulas, as quais nos foi permitido compreender a importância do diálogo entre a Arte e a EF, como subsídio teórico-prático, para que haja o rompimento histórico relacionado aos padrões corporais comumente existentes e as limitações que foram impostas aos corpos considerados volumosos, como forma de trazer à tona o fato de que a existência dos mais diversos corpos, nas suas mais diversas significâncias, não impede que este mesmo corpo esteja em movimento, relacionando-se com os outros, inserindo-os assim na sociedade.

Palavras-Chave: Educação Física; Arte; Fernando Botero; Cultura; Estética; Saúde.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	6
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	13
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3.1 A HISTÓRIA DO CORPO GORDO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	17
3.2 APRESENTANDO FERNANDO BOTERO E SUA OBRA VOLUMOSA	21
4. EIXOS INTERPRETATIVOS.....	27
4.1 PLANO DE ENSINO.....	28
4.2 POSSIBILIDADES ENVOLVENDO ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	31
4.3 NOVOS DESAFIOS À EF: ESTUDAR, CONHECER, ENVOLVER-SE COM ARTES	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6. REFERÊNCIAS	47
7. APÊNDICES.....	51

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A Educação Física (EF), no seu contexto existencial, é uma prática de intervenção (que seleciona, organiza e atua/intervém – aqui estamos pensando em sua presença no campo escolar a partir de diversos outros conhecimentos) e o que caracteriza é a intenção pedagógica com que trata um conteúdo que é retirado do universo da *cultura corporal de movimento*, que, conforme Bracht (1999) e Betti (2003), seria objeto da EF, configurando-se como um entendimento de movimento humano para além de conhecimentos das ciências físicas e biológicas, ampliando-se para algo em torno da comunicação com o mundo e com os simbolismos; sendo, portanto, inserida no plano da cultura.

A partir de conflitos, disputas e cisões internas no campo da EF brasileira, principalmente na década de 1980, com o “Movimento Renovador da EF”, passou-se a ser pensado, no interior deste mesmo campo, uma EF com embasamento nas Humanidades em geral (Sociologia, História, Educação, Antropologia, Filosofia, Psicologia), o que trouxe novas problemáticas, avanços e outros entraves àqueles que atuam no campo, em específico, no contexto escolar.

Transcorrido há mais de trinta anos, não existem dúvidas de que isso se configura num enorme avanço; entretanto, talvez esteja aí o marcador inicial para aquilo que González e Fensterseifer (2009; 2010) vão tratar em relação a esse período de transição no contexto da EF Escolar brasileira, entre o *não mais* e o *ainda não*, ou seja, esse novo subcampo (pedagógico e sociocultural, balizado nas Humanidades), rompe com uma tradição (biológica, de exercitação corporal, subordinada aos conhecimentos biomédicos) ao mesmo tempo em que evidencia que *ainda não* temos a materialização pedagógica de todos os avanços observados para o contexto educacional, principalmente porque ainda não reinventamos nosso espaço na escola enquanto disciplina escolar. Bracht (2006), ao analisar as associações da EF com as ciências humanas e sociais, tece o seguinte comentário:

De qualquer forma, um universo simbólico de justificação da EF pode e está sendo construído, tendo como carro chefe a ideia do movimentar-se humano como manifestação cultural, portanto não mais como habitante do mundo natural (dos objetos que não podem ser sujeitos históricos e sim parte da natureza a ser conhecida, modificada, manipulada, enfim, dominada pela razão), mas como habitante do universo simbólico. (BRACHT, 2006, p. 103)

É a partir dos simbolismos e dos significados que se pautam ações no campo pedagógico e sociocultural da EF brasileira para, então, tratar dos saberes e fazeres no contexto escolar da EF, que tem como um de seus principais emblemas participar do processo de formação humana dos sujeitos escolares, cuja dimensão social, política e cultural, manifestam-se de maneira evidente e recorrente na produção acadêmica nas últimas décadas.

A partir da *cultura*, passamos a compreender que os significados são públicos, compartilhados e dinâmicos, conforme nos ensina Santos (2004). Segundo tal autor, a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda, refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Por exemplo: podemos nos referir à totalidade das características de um determinado grupo (como “cultura francesa”, “cultura inglesa”, “cultura africana”, “cultura brasileira”) e podemos nos referir a determinadas especificidades no interior de cada um desses agrupamentos (“língua/literatura francesa”, “artes/gastronomia inglesa”, “dança/hábitos africanos”, “música/futebol brasileiro”).

Diante dessa breve contextualização, quando articulamos essas duas categorias: corpo e cultura, entendemos que somos corpos dotados de um conjunto de conhecimentos, códigos linguísticos e corporais, práticas corporais, rituais, vestimentas, alimentação, hábitos dos mais diversos, entre outros, os quais nos informam, muitas vezes sem termos consciência dessas incorporações, pois naturalizamos que fazemos parte de uma dada cultura.

Temos constatado, cada vez mais, que em relação ao corpo, a noção de diferença se faz presente em nossa realidade, muito provavelmente pela facilidade com que informações dos mais variados lugares do mundo são veiculados e ganham potência pelos veículos midiáticos, trazendo particularidades e curiosidades que nos fazem exercitar, talvez sem termos consciência de tal exercício, em naturalizar o estranho, o dito “exótico”, aquilo que é “diferente” de mim, de meus códigos culturais. Assim, corpos que “fogem do padrão” daquilo comumente fotografado, pesquisado, descrito, visível e publicizável, vão ganhando possibilidades de visibilidade que até pouco tempo atrás, eram escondidos, ocultos, tidos como “anormais”. Há vários exemplos disso e as implicações dessa visibilidade.

Por exemplo, Lemos (2020) escreveu uma reportagem no periódico brasileiro *El País*, com o título “*Fui chamada de monstrix na rua*”: *como o preconceito e o bullying atingem as pessoas com nanismo*”, mostrando pessoas acometidas pelo nanismo, uma deficiência física que acomete o desenvolvimento e o crescimento corporal desde a infância – e os constrangimentos pelos quais, ao longo da vida, vão passando em função desses “corpos

diferentes”.¹ Na reportagem, temos o seguinte trecho: “Médicos comentam que uma pessoa com nanismo pode levar uma vida comum, principalmente quando consegue adaptar situações do cotidiano à sua altura. Especialistas ressaltam que um dos maiores problemas relacionados a quem tem a característica é o preconceito.” (LEMOS, 2002, p.3)

Em reportagem de Cintia Cercado (2020), *Preconceito contra a obesidade chega a ser pior do que a doença em si*, a médica, em seu *blog*, traz dados que mostram a incidência da obesidade¹ no mundo, e além de comentar questões bem pontuais sobre a doença, procura enfatizar quanto ao estigma que pessoas com excesso de peso corporal sofrem nas mais variadas instituições da sociedade, seja na própria família, na mídia, nas escolas, nos locais de trabalho e também – por mais estranho que pareça – nos serviços de saúde, o que acaba agravando o problema de enfrentamento. Sobre o preconceito em relação ao corpo obeso, Cercado (2020) escreve: “Experimentar o preconceito prejudica drasticamente a qualidade de vida, principalmente dos mais jovens. [...] A obesidade é uma doença muito mais complexa do que se imagina. E o preconceito só aumenta o problema.”

Poderíamos trazer vários outros exemplos, como do corpo transexual, do corpo gay, do corpo indígena, do corpo negro, do corpo excessivamente magro, enfim, somos corpos que a todo instante explicitam diferenças, as quais devem ser identificadas e respeitadas a partir do direito universal da igualdade humana. Não se atentar a esse fenômeno contemporâneo das diferenças corporais, acaba potencializando o que estudos já têm demonstrado, ou seja, o público adolescente e jovem tem sofrido de agressões conhecidas como *bullying*. Julião (2020) apresenta um levantamento da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, realizado com estudantes da cidade de São Paulo, em 119 escolas públicas e particulares, em que 29% afirmaram ter sido vítima de *bullying* no ano anterior, geralmente em função da posição social, das características físicas ou algum traço de personalidade. E o texto ainda sugere que é preciso buscar subsídios para desenvolver programas de prevenção para tal problemática nas escolas.

Seguindo nessa perspectiva, os estudos de Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012) cujo objetivo central foi analisar como se manifesta o processo de *bullying* na vida dos alunos considerados gordos por seus agressores dentro do contexto da EF escolar, apontaram que: “[...] 66% dos alunos ‘gordinhos’ que foram entrevistados sofrem *bullying* escolar e não sabiam

¹ Se faz necessário salientar que, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Associação Brasileira para o Estudo de Obesidade e Síndrome Metabólica (ABESO), compreendem a obesidade como uma doença crônica, porém, multifatorial, ou seja, não pode ser limitada a fatores apenas biologicistas. O formato volumoso do sujeito não deve ser o único motivo para que este seja patologizado, e do ponto de vista social, ser considerado um sujeito desleixado, preguiçoso, o único “culpado” pela sua aparente condição de vulnerabilidade devido ao “excesso de peso”.

explicar com veemência a justificativa das agressões, mas, tinham certeza de que os *bullies* se divertiam vendo o sofrimento que causavam” (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012, p. 289). Ainda tendo em vista os achados, os autores destacam que: “[...] metade desse total vive em constantes situações de humilhação, evitando contato com os agressores na escola e no caminho de volta para casa, além de viver tentando não chamar a atenção das demais pessoas em lugares públicos” (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012, p. 289).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), a EF se insere na área de Linguagens, juntamente com Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa. Ainda de acordo com a BNCC, a função da EF é trabalhar com a *linguagem corporal*, trazendo a tematização das práticas corporais em suas mais variadas formas de codificação e significação social.

Se considerarmos que EF e Arte estão na mesma área de conhecimento, e diante das questões já contextualizadas sobre corpo e cultura, como podemos pensar ações práticas que ampliem o repertório de conhecimento dos alunos ao mesmo tempo em que questões do ²contemporâneo sejam colocadas em discussão e análise, no sentido de uma formação que atue no enfrentamento dessas diferenças que envolvem corpos?

A problemática em questão, está atrelada ao fato de que a maioria das pessoas não se ajusta ao modelo globalizado que está em moda e que é intensamente divulgado pela mídia, Nesse sentido, ao considerarmos que as escolas são espaços singulares que permitem aos jovens discutir questões e problemáticas que fazem sentido às suas vidas (para além dos conteúdos teórico-conceituais que compõem as grades curriculares dessas instituições), e que, nesse rol de saberes, a EF, enquanto componente curricular, que historicamente tem tratado das questões que se referem ao “corpo”, visualizamos possibilidades de reflexões em relação à tematização sobre corpos nas suas mais variadas formas.

Nesse contexto, esta pesquisa de monografia teve como intento apresentar possibilidades pedagógicas no âmbito escolar e trazer uma análise reflexiva sobre a experiência de ensino, utilizando-se de algumas obras do artista plástico Fernando Botero² (FB) para envolver corpo, cultura, arte e estética com alunos da Escola Municipal José do Prado Franco, como forma pedagógica de enfrentar os problemas atuais de preconceito com “corpos diferentes”, que geralmente implicam no conhecido *bullying* escolar – como a

² Fernando Botero, é um artista plástico colombiano que traz em suas obras, “figuras volumosas”. Suas representações foram de suma importância para o trabalho pedagógico aqui desenvolvido, o qual está descrito nas sessões seguintes deste trabalho monográfico.

monografia de Matos (2011), realizada em contexto de escola pública na capital sergipana já revelou. Dessa forma, surge o seguinte problema de pesquisa: Considerando a existência de corpos múltiplos na sociedade, como podemos utilizar o subsídio da arte em consonância com a EF para tematizar corpo, cultura e estética através das obras artísticas de FB?

A referida investigação, justifica-se por tratar-se de uma inquietação adquirida na Iniciação Científica, sobre as obras de FB e em como alguns corpos que fogem de um determinado padrão estético são excluídos, julgados e ridicularizados dentro da nossa sociedade. Consideramos que a escola é um dos principais ambientes formativos e de construção da identidade dos educandos enquanto indivíduos, assim, trabalhar essas questões históricas, principalmente no que se refere ao imaginário de corpo, faz-se urgente e necessário. No PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, realizado no ano 2020-2021, fizemos uma análise das obras do autor a partir da proposição de Villarta-Neder (2015), que utilizou a **exotopia** (ou **excedente de visão**), um conceito elaborado por Bakhtin, como forma metodológica para conhecermos e investigarmos possibilidades de extrair significados de obras de arte.

No caso das obras de FB, com sua estética dos “biotipos obesos” como marca autoral em seus quadros e esculturas, facilmente se identifica um estilo figurativista, denominado como *boterismo*, que Villarta-Neder (2015) denominou como uma “estética da deformação”, com a utilização do arredondamento e dos “corpos gordos” que aqui tratamos como “corpos volumosos”. Segundo Villarta-Neder (2015, p. 3), a *figurativização* consiste em “[...] constituir uma representação, no sentido de, ao brincar com o exagero da figurativização, enfatizar a representação mesma como meio de construir um discurso sobre outra realidade.”

Assim, pudemos recorrer a uma possibilidade observacional e descritiva diante de uma ambiguidade quanto às obras de arte, que consiste em crítica e brincadeira, entre sátira e narrativa pictórica, ou seja, a obesidade (volume) nas formas e no estilo, apresenta uma leveza e uma sensualidade às formas e cenários – e isso manifesta-se na opulência, na alegria dos rostos, no índice de saúde (sobrepeso/obesidade). (VILLARTA-NEDER, 2015)

De acordo com Villarta-Neder (2015), a **exotopia** é um processo em movimento, que consiste em “ver-se-no-outro”, a partir de “saber-estar-sendo-visto-pelo-outro”; “ver-o-outro”; “saber-que-o-outro-se-sente-visto” e “ver-se-a-partir-do-outro”, ou seja, consiste-se em um des-locamento, “[...] Lugar de que sou retirado porque sou projetado para o lugar do outro.” (VILLARTA-NEDER, 2015, p. 6), sendo que os “[...] sentidos irão se produzir em convergências ou divergências” (VILLARTA-NEDER, 2015, p. 15)

Visualizamos nesse processo, a potencialidade existente quanto à articulação de diferentes campos do conhecimento (EF, Arte/Estética, Antropologia, Pedagogia), para contribuição para a sociedade, ou seja, para que a EF, enquanto mediadora de saberes e práticas, contextualize conhecimentos que envolvam diretamente a vida cotidiana e contemporânea dos jovens e seus problemas atuais, além de elevar o capital cultural dos sujeitos participantes da EF.

Na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), podemos visualizar as competências elencadas ao papel do professor de EF no sentido de identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutindo posturas consumistas e preconceituosas; além de externalizar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), no campo da Arte, existem seis dimensões relacionadas à sua compreensão. Destas, destacamos três que nos possibilitam vislumbrar um olhar perspectivo em consonância com a EF: a crítica, a expressão e a reflexão.

A **crítica** seria a ação do pensamento propositivo, que envolvem padrões estéticos, políticos, históricos, econômicos e sociais, a partir de determinada base de conhecimento, para que o aluno avance rumo a novas compreensões por meio do aprofundamento na pesquisa sobre os mais variados temas, a fim de proporcionar as mais diversas experiências sobre cada manifestação artística estudada. A **expressão** seria a exteriorização das manifestações artísticas, pois é através da expressão que emerge a experiência artística e a linguagem constitutiva da arte, através dos seus vocábulos, existindo assim a construção da sua materialidade. Por último, a **reflexão** estaria ligada à capacidade de se construir argumentos baseados em informações teóricas e práticas sobre o fenômeno da arte, pois as vivências artísticas passariam a ser percebidas, analisadas e interpretadas tanto como produtor, quanto apreciador.

Nessa perspectiva, a incorporação da Arte nas reflexões inerentes à EF, pode auxiliar na reconfiguração para pensar o corpo e todos os fenômenos a ele ligados, inclusive no que diz respeito a sua expressão gestual. Pensar a Arte como forma de conhecimento talvez permitisse superar os pressupostos no modo de conceber e pensar o corpo.

A arte é sempre uma revelação, um desejo transitório de apreender, intuitivamente e de uma só vez, todas as leis deste mundo – sua beleza e sua feiura, sua humanidade e sua crueldade, seu caráter infinito e suas limitações. (ALMADA, 2018, p. 45)

A arte, portanto, propõe uma outra forma de conhecer o mundo, de compreender e incorporar a multiplicidade com a qual se constrói o conhecimento, sua transitoriedade, fragilidade e precariedade. Propõe ainda o rompimento com as clássicas visões que se construíram e, ao mesmo tempo, a relativização do valor que atribuímos às diferentes formas de conhecer.

Assim, a referida monografia aqui desenvolvida, justifica-se pela existência da articulação entre EF e Arte, no sentido da criação de possibilidades de uma intervenção pedagógica, para se tratar questões urgentes no âmbito escolar, como é a temática corporal e . Além de contribuir para o campo da EF brasileira, no sentido de fornecer subsídio teórico-prático para a área acadêmica, a fim de apresentar novas perspectivas de atuação ao professor de EF, visto a potencialidade existente de perspectivar aos alunos uma visão ampla sobre as questões corporais.

A relevância social está relacionada ao fato de que este trabalho contribui diretamente para uma formação crítica de alunos, professores e constituintes da sociedade em geral, pois tem como função romper com a visão existente sobre os padrões corporais, para que possamos superar e dialogar sobre o corpo, para além da visão biológica, tendo as Ciências Humanas como chave para esse processo.

O objetivo da referida investigação, construída a partir da experiência de Estágio Supervisionado em EF II, desenvolvida no segundo semestre de 2023 (de julho a agosto), é realizar uma análise reflexiva em relação a experiência de ensino com alunos do ensino fundamental II, da rede Municipal de Ensino de Nossa Senhora do Socorro, no que se refere à prática pedagógica. Para a articulação deste processo, trouxe 5 obras do artista colombiano FB, com o intuito de serem tematizadas em sala de aula, na perspectiva de ampliar os olhares e debates em relação ao “corpo” e suas “diferenças”. Além da análise das possibilidades interdisciplinares entre EF, Arte e demais ciências humanas e sociais, no sentido de pensar estratégias para o enfrentamento do *bullying* no contexto escolar.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

No que se refere à abordagem metodológica desta monografia, temos a pesquisa qualitativa como norteadora. Minayo (2001) nos ensina que, é necessário basear-se na compreensão e capacidade de colocar-se no lugar do outro, sendo necessário considerar a singularidade de cada indivíduo, pois a interpretação é um ato contínuo, que está relacionado a possibilidade de investigação, pois “a vivência de uma pessoa ocorre no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere.” (MINAYO, 2001, p.36)

Esta pesquisa configura-se como uma abordagem descritiva exploratória, Gil (2002), nos ensina que as pesquisas descritivas são juntamente com as exploratórias, as que, de forma habitual, são realizadas pelos pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. O autor considera que este tipo de pesquisa tem como objetivo principal, o desenvolvimento e o esclarecimento como forma de vislumbrar uma nova visão sobre conceitos e ideias, como forma de reformular problemas e hipóteses pesquisáveis para estudos antecedentes. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa do tipo “experimento de ensino”. Este método, têm em seu interior três elementos:

A entrevista tradicional: a modelagem (capacidade de adaptação das perguntas ao nível de desenvolvimento dos indivíduos); os episódios de ensino (com a presença do professor, as técnicas de ensino em sala de aula podem ser modificadas) e as entrevistas propriamente ditas (que podem ser individuais ou em grupos), envolvendo professores, alunos e pesquisadores (enquanto observadores ativos no processo), os episódios de ensino têm como foco o raciocínio dos alunos, O pesquisador assume um papel muito próximo da mediação do conhecimento, pois há um repasse da análise para os professores, a fim de se promover um caminho mais efetivo no processo de ensino-aprendizagem. As vantagens dessa metodologia de pesquisa são a semelhança com a própria aula, o que torna invisível a presença do pesquisador enquanto mero observador dos fatos e a escolha dos métodos e técnicas de ensino mais apropriadas ao nível e/ou a necessidade dos estudantes(OLIVEIRA *et al* 2019, p.42).

Assim, o experimento de ensino foi tematizado a partir da prática de ensino realizada no Estágio Supervisionado II, que buscou investigar possibilidades didático-pedagógicas diante de algumas obras de FB para pautar a questão do corpo e suas diferenças nas aulas de EF, as quais, posteriormente, nos trouxesse subsídio teórico-prático para analisarmos, discutirmos e refletirmos tal realização.

A referida monografia aqui desenvolvida, passou por alguns pontos até chegarmos propriamente dito na parte da docência. Inicialmente, fizemos uma revisão de literatura aprofundada sobre as questões que envolvem corpo, cultura, padrões estéticos e arte, como forma de termos um arcabouço teórico contundente a efetivação do nosso projeto. Posterior a esse processo, construímos o planejamento pedagógico (que consta na seção de Eixos

Interpretativos do trabalho aqui escrito) que estivesse atrelado a Arte e a EF. A fim de contemplar os nossos objetivos e trabalhar de forma reflexiva as questões de corpo, para que esse processo auxilie na construção dos alunos enquanto seres autônomos e conscientes do seu papel na sociedade.

Por continuidade, foram ministradas 10 aulas baseadas no planejamento pedagógico que, de maneira geral, tiveram como intenção instigar os alunos para que obtivessem uma nova forma de se pensar a respeito do corpo, além de trazer à tona questões referentes ao processo de mudança que os padrões estéticos receberam ao longo da história.

Por fim, fizemos um trabalho avaliativo como forma de compreender como os educandos visualizavam as questões corporais e como as obras de FB, contribuem para esse processo de ressignificação do imaginário construído, através dos corpos volumosos.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Para a realização da revisão de literatura, partimos do construto-teórico de autores e pensadores sociais da EF brasileira, para tematizar e tornar evidente a legitimidade, atuação e contribuição para a sociedade e EF escolar, além das discussões a serem realizadas a partir de Georges Vigarello com a obra “As metamorfoses do Gordo – História da Obesidade” a fim de termos uma compreensão ampliada a respeito do corpo, na história.

A sociedade em sua conjuntura cultural tornou-se a principal responsável pela criação da opinião em seus integrantes, relatando com argumentos concretos o motivo de algo ser dito bonito ou feio. As pessoas foram fortemente influenciadas a seguir um rigor de pensamento ao qual compartilham no coletivo e assim em sua maioria seguir essas ideias para que não sejam de alguma forma excluída naquele ambiente ao qual pertencem. Tudo depende das correntes criadas para formulação desse pensamento que não é algo homogêneo, pois é possível perceber a mudança de padrões ao redor do mundo.

Os “corpos diferentes” que fogem do “padrão de normalidade” costumam receber olhares de reprovação, de críticas, de comentários ofensivos e maldosos. Entretanto, não temos “corpos iguais”, e deveríamos refletir mais sobre isso: observar padrões diferenciados, entender contextos históricos de padronização, criticar construções corporais operadas pela mídia (por revistas, pelo cinema, pela televisão, pelas redes sociais), compreender que somos diversos e que essa diversidade faz parte do humano deve ser um exercício constante de quem atua no contexto educacional geral, principalmente de quem adentra o campo pedagógico da EF.

[...] o corpo na arte é sempre contaminado pelas profundezas da alma humana, escuras, misteriosas e singulares. Parece que o corpo da Ginástica e da EF se tornou um simulacro limpo e acabado, fechado e explicado a partir da ciência como forma hegemônica de conhecimento. No entanto, é possível falar da relação entre ciência e arte e pensar estes campos não como oposição, mas como complementaridade. (SOARES, MADUREIRA, 2005, p.85)

Assim, a EF poderia ter elementos a mais para se lançar em estratégias de enfrentamento do *bullying* escolar, como identificado por Matos (2011) a partir de uma investigação do tipo estudo de caso numa escola pública de Aracaju/SE. Investigando alunos, pais e professores, Matos (2011) identificou a presença de *bullying* direto, indireto e *ciberbullying* e refletiu quanto às consequências que isso traz à vida de quem sofre com essas violências, ou seja, consequências psíquicas e comportamentais, como distúrbios, transtorno

de pânico, fobia escolar, timidez excessiva, ansiedade, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno do estresse pós-traumático.

O estudo mostrou, entre tantas outras questões interessantes, que é papel do professor de EF mediar não apenas situações de quem é “vítima” do *bullying* (principalmente jovens obesos), mas principalmente os agressores e as testemunhas, ou seja, é sua obrigação mediar tais ações preconceituosas quando ocorrem no contexto escolar, porque, muitas vezes, o professor acaba responsabilizando a própria vítima pelo mal que lhe ocorre (processo de culpabilização da vítima).

A BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, documento normativo que trata das aprendizagens essenciais na educação escolar em todo o território brasileiro, embora com suas deficiências e fragilidades, temos que, a partir das *competências* a serem desenvolvidas pelos conhecimentos escolares, é necessário que pensemos quanto a um conjunto de oito dimensões do conhecimento: experimentação; uso e apropriação; fruição; reflexão sobre a ação; construção de valores; análise; compreensão e protagonismo comunitário.

Nesse movimento de pensar aspectos éticos, estéticos e políticos – como consta na BNCC (BRASIL, 2018) – é que esta pesquisa se interpõe no contexto pedagógico, aglutinando possibilidades da EF com Arte, e o conjunto de demais saberes das ciências humanas e sociais para pensar a temática do corpo e cultura no contexto pedagógico da EF, possibilitando que a mediação formativa das aulas de EF permitam analisar e construir valores em relação ao respeito aos diferentes corpos, já que se trata de um componente curricular que historicamente tem se identificado com a educação corporal, via esporte, brincadeiras, jogos, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais das mais diversas (e muitas vezes sendo confundida como uma disciplina que trata de “saúde” na escola).

A sociedade em sua conjuntura cultural, tornou-se a principal responsável pela criação da opinião em seus integrantes, relatando com argumentos concretos o motivo de algo ser dito bonito ou feio. As pessoas foram fortemente influenciadas a seguir um rigor de pensamento ao qual compartilham no coletivo e assim em sua maioria seguir essas ideias para que não sejam de alguma forma excluídas daquele ambiente ao qual pertencem.

3.1 A HISTÓRIA DO CORPO GORDO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Segundo Vigarello (2012), a história do corpo gordo é, inicialmente, a história de uma depreciação relacionada às suas transformações, como as vertentes culturais e ramificações socialmente demarcadas. Esse fato é também uma das dificuldades particulares sentidas pelo corpo obeso: um corpo que passa por modificações que a sociedade rejeita sem que a vontade e pensamento interior sejam consideradas.

Na idade média, a gordura era considerada sinônimo de riqueza e abundância de alimentos, enquanto para os pobres, era um ideal praticamente inatingível. O excesso de gordura era tido como uma proteção para o corpo, estabelecendo-a como sinônimo de força. Homens e mulheres eram respeitados e bem-conceituados por seus corpos gordos, não lhes sendo atribuídos características negativas ou depreciativas, o corpo belo era gordo, extenso e corpulento, já que, nesse cenário, o glutão, com seu corpo robusto, equivalia à saúde, vitalidade e abundância de recursos. (VIGARELLO, 2012)

O excesso de gordura era tido como proteção corporal, além de simbolizar a força dos indivíduos. Existia um respeito eminente pelos homens e mulheres, caracterizados pelo volume corporal, na época em questão, não eram atribuídas características negativas/depreciativas a esses corpos, a beleza, estava relacionada ao volume, a extensão, visto que, o glutão, com seu corpo “robusto” era considerado sinônimo de saúde, vitalidade e abundância de recursos financeiros e alimentícios. (VIGARELLO, 2012).

A forma robusta dimensionava as características do “belo” no Renascimento, a beleza do corpo feminino era destacada através do corpo com curvas grandiosas e fartas, opostas à magreza, que na visão daquela sociedade vigente, era julgada como feia (RODRIGUES, 2015). Esse fato se concretiza ao visualizarmos os padrões estéticos enaltecidos nas obras de arte do período, as mulheres eram retratadas com corpos gordos, mas sem o excesso, conservando o que era considerado belo para a época.

Na Grécia Antiga, a imagem do corpo grego, caracterizado pela definição muscular bem demarcada, um corpo esbelto e visualmente “bonito” até hoje é considerado uma referência, pois, segundo Daolio (1995), “[...] a imagem idealizada corresponderia ao conceito de cidadão, que deveria tentar realizá-la, modelando e produzindo o seu corpo a partir de exercícios e meditações. O corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado.” (DAOLIO, 1995, p. 26)

Ou seja, a temática do corpo está ligada para além da visão estética, mas sim, de

dominação dos corpos.

O corpo nu é objeto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representavam a sua saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante. (DAOLIO, 1995, p.23)

Na Idade Média o corpo serviu novamente como instrumento para as relações sociais. Têm-se como principal característica o fato de que a sociedade feudal, denominava os corpos através das características físicas dos indivíduos, como a altura, a cor da pele e peso corporal, associadas ao cultivo, para que fossem determinantes na distribuição das funções sociais.

O homem medieval era extremamente contido, a presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. O cristianismo dominou durante a Idade Média, influenciando, portanto, as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja e Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo. A preocupação com o corpo era proibida, começando-se a delinear claramente a concepção de separação de corpo e alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro. (DAOLIO, 1995, p. 25)

A prática religiosa, nos preceitos de purificação e “morte” da relação com os desejos do corpo, contribuiu de forma incisiva para escravizar o indivíduo perante o Estado. Após esse processo, é visível como existe uma configuração e reconfiguração do corpo, pois, quando se chega em meados do século XVII, há um crescimento e aperfeiçoamento dos processos agrícolas, além da expansão do comércio, sendo necessárias condições de desenvolvimento na indústria moderna.

Com a expansão do capitalismo, no século XIX, propaga-se a forma de produção industrial. A padronização dos gestos e movimentos instaurou-se nas manifestações corporais. As novas tecnologias de produção em massa desencadearam um processo de homogeneização de gestos e hábitos que se estendeu a outras esferas sociais, entre elas a educação do corpo, que passou a identificar-se não só com as técnicas, mas também com os interesses da produção. (DAOLIO, 1995, p.32)

Porém, a padronização dos conceitos de beleza, em junção com as necessidades dos consumidores associadas às novas tecnologias e lógicas de produção, foi responsável pelo declínio significativo na quantidade e qualidade das experiências físicas dos indivíduos na atualidade.

O Brasil tem uma herança física mista, portanto, definir o estilo físico da nossa cultura é incerto (ORTEGA, 2008), porque somos uma mistura de diferentes nacionalidades e influências. Isto é especialmente verdade quando falamos de hábitos socioculturais que permeiam os costumes, estilos de vida e dietas da nossa população.

Definir um modelo para o corpo brasileiro é como buscar uma ordem binária dentro de uma mistura de comportamentos culturais que parecem receptivos a novas culturas. Porém, mesmo neste cenário, deparamo-nos com contradições sociais e discursos hegemônicos no mercado consumidor. Ou seja, um corpo esbelto e com traços bem definidos é considerado o modelo correto e socialmente aceitável, fazendo com que rejeitemos estilos para outros tipos de corpo e questionamos nossa capacidade de aceitar outros tipos de corpo.

Os avanços na medicina, na química e na fisiologia, fortaleceram a imaginação social de rejeição do corpo obeso a partir do século XVIII. A partir destes estudos de investigação, a gordura corporal está ligada a várias doenças. Eles levam pessoas obesas para a periferia da sociedade e as transformam, no século XX, em aberrações sociais. Isto é cabido como um corpo adoentado e estigmatizado (VIGARELLO, 2012).

“Com o avanço dos estudos na medicina no século XIX, a gordura passa a ser vista como um perigo e catalogada pelos seus diversos graus, relacionando-a a várias doenças e assim tornado o corpo gordo mais sensível às comorbidades” (VIGARELLO, 2012, p. 230).

A evidência do corpo sem gordura ganha destaque a partir das dietas do século XIX. Produtos alimentícios, como a sacarose, o trigo e o carboidrato, tidos como fonte energética, agora são limitados nos padrões dietéticos. A demanda pela perda de peso intensifica-se à medida que se populariza a prática de mergulho no mar. As dietas tornam-se mais visíveis. A exibição corporal nas praias intensifica a pressão por uma aparência perfeita dentro dos padrões atuais. As meninas de tamanho maior são conhecidas como "redondas, esféricas, volumosas, maravilhosas" e as muito magras são comparadas a "hastes, varas, retas". “Os recentes tipos de divertimento revelam “aberrações”. Por conseguinte, crescem as exigências por uma perda de peso.” (VIGARELLO, 2012, p. 252).

O sofrimento físico dos indivíduos gordos foi relatado pela primeira vez no século XIX. A infelicidade está associada à sua condição física, dificuldades sociais e desrespeito por parte dos entes queridos. Essa amargura se intensificou com as tentativas inúteis de perder peso. Devido à falta de conhecimento sobre a gordura nesta época, relatos de sentimentos emocionais relacionados às questões de gordura corporal são considerados sofrimento moral. Então os médicos desconhecem essas queixas das pessoas gordas. (VIGARELLO, 2012, p.

240).

A partir do final do século XIX, o corpo gordo se torna monstruoso, a gordura passa a ser considerada anomalia e os gordos são expostos em feiras e circos, conhecidos como *freak show* (show de aberrações), como uma atração de aberração, por isso a monstruosidade. A estigmatização do gordo é tanta, que nos anos 1920 e 1930, as questões patológicas em relação à obesidade se proliferam de uma maneira avassaladora. Começa-se a fazer uma generalização das doenças em relação à gordura corporal. A gordura se torna uma vilã implacável e traz consigo inúmeras doenças nocivas, desde o câncer, o envenenamento, até a intoxicação. Corromperam questões culturais e psicológicas, que se infiltraram nas relações das pessoas e acabaram sendo alvo de opiniões divergentes, de referências éticas e morais até que conseguiram transformar a gordura de um modo extremo em um “mal universal”. (NECHER, 2018, p. 3,4)

O gordo passa a ser uma ameaça estética e vital à sociedade, tornando-se o doente do século XX. A busca por combater a gordura, torna-se o principal objetivo de vários setores da saúde (médicos, nutricionistas, treinadores físicos etc.), além de pesquisadores e, principalmente, da sociedade. O mal da gordura cai no senso comum. Os excessos corporais ganham um *status* completamente pejorativo e abrem espaço para o corpo magro que beira à anorexia. (SANT’ANNA, 2014 *apud* NECHER 2018, p.5)

Desde então, este corpo começa a ascender e ganha uma visibilidade de célebre e bem-sucedido, como estampam as capas de revistas das *top models* famosas e dos corpos vistos nas mídias televisivas. O corpo magro e suas práticas tomam uma posição de centralidade e afirmativas em relação aos costumes sociais e o corpo gordo torna-se criticado e marginalizado. (SANT’ANNA, 2014 *apud* NECHER, 2018, p.5)

Nesse sentido, pensar o corpo no contexto escolar requer refletir sobre as relações históricas, a fim de compreender os corpos produzidos em seu interior, e que este processo está ligado diretamente às relações sociais existentes. A escola enquanto espaço promotor de experiências que contribuam para a formação crítica de um povo, nos auxiliará a perspectivar a relação entre arte e EF, como forma de contraposição ao que é comumente visualizado mundo a fora em questões relacionadas à padronização dos corpos.

3.2 APRESENTANDO FERNANDO BOTERO E SUA “OBRA VOLUMOSA”

De acordo com os estudos de Maggioni (2007), FB é um artista plástico, pintor, escultor e desenhista colombiano, nascido em 1932 (morreu em 15 de setembro de 2023 aos 91 anos de idade). Aos 16 anos, Botero utilizou o dinheiro de seu trabalho para estudar na escola secundária do Liceu de Marinilla de Antioquia e participou de sua primeira exposição conjunta em Medellín. Em 1950, concluiu seus estudos no Liceu da Universidade de Antioquia. Em 1951, mudou-se para Bogotá, onde realizou sua primeira exposição individual. Em 1952, Botero viajou para a Espanha e ingressou na Academia de San Fernando de Madri, além de frequentar o Museu do Prado, onde estudava e copiava as obras de Diego Velázquez e Francisco de Goya.

Entre 1953 e 1955, viajou pela França e Itália, onde em Florença, na Academia de San Marco, estudou História da Arte, pintura e as técnicas dos afrescos do Renascimento italiano, que deixou influência em suas obras. De volta à Colômbia, em 1955, Botero participou da exposição na Biblioteca Nacional. No ano seguinte, viajou para o México, onde estudou os murais dos artistas Diego Rivera e José Clemente. Em 1957, visitou os Estados Unidos da América, onde realizou sua primeira exposição individual. Com 26 anos, foi nomeado professor de pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Nacional de Bogotá.

Botero, em sua estética de trabalho, tem como principal chave o volume. A técnica em questão é utilizada para enfatizar a “deformação” em realidade, através de sua obra artística. O volume exagerado intrínseco em suas obras, seria a busca por evidenciar a sensualidade das imagens. Por isso, o volume exagerado seria “a mágica” para transformar o mundo através do seu olhar estético em suas formas “gordas”.

O sentir, o pensar e o agir, caracterizam a existência e a vida humana. Essa trilogia, no entanto, não se dá de modo fragmentado e linear, mas sim, através de uma rede de interações que se dão na dimensão corporal humana. Através do corpo eu percebo, pelo corpo eu analiso e por meio dele eu coexisto no mundo. Ao longo da história da EF brasileira, a temática do corpo foi e tem sido repensada, a fim de perspectivar representações e compreensões a respeito dos símbolos que foram introjetados na sociedade, relacionado à forma como os seres corpóreos com sua estética volumosa se movimentam.

Nesse sentido, o corpo volumoso, na nossa sociedade é confundido como um corpo gordo, ou, ainda, como um corpo obeso. Segundo Santolin e Rigo (2012), há uma predileção pelo adjetivo “obeso” em detrimento ao termo “gordo”, este último associado à gordura é tido como ofensivo. O gordo é sempre uma referência a algo excessivo e, seja no Brasil, seja no

mundo todo, temos constatado a patologização da gordura corporal. A significação como código hegemônico é dada principalmente pelo discurso biomédico, como seu “estatuto de verdade”, o que acaba implicando em estigmatização do corpo gordo, outrora significando corpo valente, potente, sadio, saudável, robusto, forte, vigoroso. Com a atribuição ao termo “obeso” ficando mais evidente, temos uma inversão de valores em relação à gordura, processo de patologização com origem em países franco-anglófonos. (SANTOLIN, RIGO, 2012 p. 5)

Quando adentramos quanto à história da obesidade, portanto, é possível se visualizar um fenômeno sociocultural de inversão dos valores atribuídos à determinada característica corporal. Conforme Santolin e Rigo (2012), esse processo histórico de problematização do tamanho, composição, aparência e peso corporais teria se iniciado pelo século XVIII, na Europa.

Segundo Santolin e Rigo (2012), no decorrer da história do ocidente, várias nomenclaturas foram utilizadas para designar pessoas consideradas portadoras de uma condição acima de um limiar volumétrico, como por exemplo: gordo, corpulento, obeso, adiposo etc. Mas somente após uma “abstração”, esses adjetivos referidos podem se tornar um substantivo e denotar condições como obesidade e corpulência.

Ao tratarem especificamente do contexto brasileiro, Santolin e Rigo (2012, p. 3) consideram que: “Contemporaneamente, no Brasil, adjetivar alguém de gordo é considerado politicamente incorreto e evitado pela maior parte da população, especialmente entre os profissionais da área da saúde. Ao invés de uma desestigmatização, sugere-se, simplesmente, a substituição pelo adjetivo obeso.”

Ainda em relação a tal problemática, Baptista (2013) elabora a seguinte reflexão:

A população composta por pessoas obesas tem passado por uma série de dificuldades, principalmente quando se considera a questão das relações sociais, como no processo de interação com as outras pessoas, compreendendo a forma como a sociedade entende o que seja o corpo belo. Ao se ler o texto de Erving Goffman, *O Estigma*, publicado no Brasil em 1988, é possível perceber o processo de estigmatização dos obesos, pois, o seu corpo apresenta características contrárias aos padrões sociais de corpo apresentados pela sociedade e disseminados pela mídia. (BAPTISTA, 2013, p.1)

Nesse sentido, nosso intuito é realizar uma análise reflexiva em relação à experiência de ensino entre Arte e EF, em consonância com algumas das obras artísticas de Fernando Botero, com alunos do ensino fundamental maior, da rede Municipal de Ensino de Nossa

Senhora do Socorro/SE.

Consideramos, para tal, os pressupostos presentes na BNCC (BRASIL, 2018) e as competências elencadas ao papel do professor de EF, no sentido de identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutindo posturas consumistas e preconceituosas; além de externalizar as formas de produção dos preconceitos e compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais dos seus participantes. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), no campo da arte, existem seis dimensões relacionadas a sua compreensão, que puderam vislumbrar-nos um olhar perspectivo em consonância com a EF. Entre elas, estão:

- **Criação:** refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do aprender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.

- **Crítica:** refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

- **Estesia:** refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto), é o protagonista da experiência.

- **Expressão:** refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

- **Fruição:** refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica na

disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.

- **Reflexão:** refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

A seguir, seguem-se as imagens de FB utilizadas em aula para tematizar o corpo e sua descrição:

Figura 1: *The dancers at the bar* (2001)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/fernando-botero/dancers-at-the-bar>

A imagem em questão traz, habitualmente, a estética volumosa de FB, sendo que, pela imagem, é possível inferir que a imagem da bailarina volumosa opera uma **quebra de expectativas**, uma vez que o espectador não está à espera de encontrar uma bailarina que tenha uma forma mais arredondada, pois o padrão existente no mundo do balé (assim como das danças, de forma geral e no universo esportivo, por exemplo) é de seres esbeltos, sarados e visivelmente magros.

Figura 2: *The Dancers* (1987)

Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/fernando-botero/the-dancers>

A figura 2 representa mais uma vez o fenômeno da dança, sendo que, agora, temos um casal: uma mulher de cabelos longos, de costas, com um vestido azul, com detalhes em amarelo e calçado de salto, na cor verde; e o homem, de frente, com terno, sapato social e um chapéu. Vê-se na imagem que eles não estão sozinhos, ao que parece ser, estão numa pista de dança com outros casais. Trata-se de um salão de baile provavelmente colombiano (devido às cores da decoração pendurada no teto – as cores da bandeira da Colômbia, amarela, azul e vermelha) com outros casais voluptuosos anônimos dançando.

Figura 3: *Dancing in Colombia* (1980)

Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/fernando-botero/dance-in-colombia>

A figura 3 retrata uma cena animada de café, a sala parece superlotada, com sete músicos (sendo 6 homens e 1 mulher), um casal de dançarinos e um *jukebox*. Detalhes como o chão cheio de cigarros, frutas e as lâmpadas expostas no teto, sugerem que este café em particular é um tanto decadente. Curiosamente, há uma grande diferença de comportamento entre os dois grupos de figuras. Os músicos olham fixamente e parecem fazer parte de um arranjo de natureza morta inanimada. Eles são o pano de fundo para o casal inexplicavelmente menor que dança diante deles com cabelos e pernas voando.

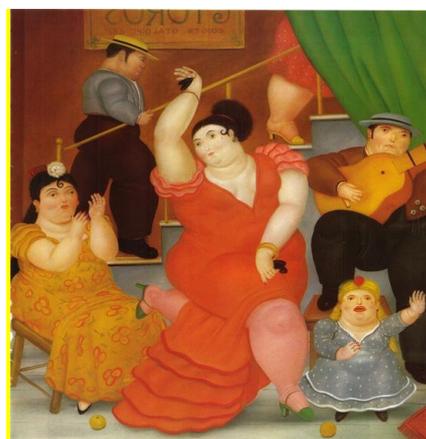
Figura 4: *Couple Dancing* (1982)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/fernando-botero/couple-dancing>

Na quarta obra selecionada para a análise, a partir da figura 4, vislumbramos mais uma vez, o elemento do casal que dança. Na imagem, ao que tudo indica, os protagonistas estão em um bar um pouco “sujo”, pois se percebe copos e garrafas no chão do salão, a mulher está com um vestido vermelho e salto e o homem de terno e chapéu. As cores predominantes são o verde e o vermelho, algo que é perceptível em todas as obras referidas neste texto.

Figura 5: *Flamenco* (1984)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/fernando-botero/flamenco>

A última obra da nossa seleção, intitulada de Flamenco, mostra mais uma vez uma movimentação dos protagonistas no quadro, que sinaliza um espaço de socialização e de divertimento. Nele, é possível identificarmos, no total, seis pessoas, das quais cinco destas, vê-se de forma total, pois temos a impressão de vermos uma perna feminina subindo os degraus à frente de um homem, provavelmente retirando-se do recinto.

4. EIXOS INTERPRETATIVOS

Nesta seção da monografia, traremos os eixos interpretativos, provenientes da experiência do estágio supervisionado II, com as atividades, relatos, dificuldades e possibilidades encontradas ao longo das 10 aulas, que foram ministradas numa turma de ensino fundamental maior, no ensino público municipal da cidade de Nossa Senhora do Socorro, no estado de Sergipe, Brasil. As aulas ministradas ao longo do percurso formativo, tiveram início dia 12 de julho de 2023, estendendo-se até o dia 18 de agosto, com um total de 10 aulas. Inicialmente, fora necessário fazer uma ambientação com os alunos, para que eles se sentissem confortáveis com a nova didática e temática a ser desenvolvida com eles.

A Escola Municipal José do Prado Franco (Nossa Senhora do Socorro/SE) foi a unidade de ensino escolhida para o exercício da docência enquanto segunda experiência de ensino, em Estágio Supervisionado em EF II. Trata-se de uma rede ampla, que abriga em seu interior o Ensino de Jovens e Adultos (1º ao 9º ano), além do Ensino Fundamental Maior na modalidade regular (6º ao 9º ano), tendo um total de 1044 alunos matriculados. No que tange a infraestrutura de ensino, a Escola possui 12 salas de aulas, sala de professores, sala da coordenação/direção, refeitório, um amplo espaço para movimentação ao ar livre, cozinha, quadra poliesportiva ampla, coberta, com estrutura adequada para a realização das aulas.

A prática de ensino foi realizada numa turma de 9º ano, com um total de 42 alunos, com idade entre 14 a 17 anos, no turno da manhã. As aulas de EF são divididas em 2 dias, quarta-feira e sexta-feira, no 1º horário (07:30) e 4º horário (10:00), respectivamente. Os materiais existentes para as aulas de EF são as bolas de futsal, bambolês, tatame para a prática do judô e sanitário feminino e masculino. A referida experiência foi realizada no segundo semestre do ano de 2023, de forma presencial, no turno matutino. A escola possui três turnos de ensino (manhã, tarde e noite), sendo que, pela manhã, as aulas se iniciam às 07:30 e seguem até às 11:30 da manhã; no período da tarde, das 13:00 às 17:00, e no período noturno, das 19:00 às 22:00. O horário de intervalo dos alunos no turno da manhã acontece das 09:45 às 10:00.

4.1 PLANO DE ENSINO

Baseado em apresentar as possibilidades pedagógicas no ensino da EF em colaboração com a arte, chegamos ao plano de ensino. Este documento, foi construído a partir de uma unidade didática, proveniente da experiência de estágio, baseada nas competências que envolvem o campo da EF e da Arte, como forma de encontrar um ponto de interseção entre eles, para as discussões estéticas, históricas e enfrentamento do *bullying* escolar.

Apresentação

O presente trabalho, trata-se do plano de ensino, para a efetivação pedagógica no estágio supervisionado em EF. Para a formação docente, a prática de ensino é fundamental para que se conheça os desafios, tensionamentos e os conteúdos a serem trabalhados na educação básica de ensino. A Escola Municipal José do Prado Franco (Nossa Senhora do Socorro/SE) foi a unidade de ensino escolhida para o exercício da Docência, trata-se de uma rede ampla, que abriga em seu interior o Ensino de Jovens e Adultos (1º ao 9º ano), além do Ensino Fundamental Maior na modalidade regular (6º ao 9º ano), tendo um total de 1044 alunos matriculados em seu interior.

Objetivo Geral

Tematizar o corpo, cultura e saúde, no ambiente escolar, através da interlocução entre Arte e EF, tendo como objeto central o Artista FB e suas obras.

Objetivos Específicos

- (EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.
- (EF69AR32) Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas
- (EF89EF08) Discutir as transformações históricas dos padrões de desempenho, saúde e beleza, considerando a forma como são apresentados nos diferentes meios (científico, midiático etc.).
- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura não-preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais;
- Analisar alguns dos padrões de estética, beleza e saúde presentes no cotidiano, buscando compreender sua inserção no contexto em que são produzidos e criticando aqueles que incentivam o consumismo

Justificativa

O plano de ensino apresentado neste trabalho, trata-se de uma experimentação para tornar evidente os aspectos intrínsecos entre a EF e a Arte, visto que ambas, de acordo com a BNCC estão englobadas nas chamadas Linguagens. A Base Nacional Comum Curricular é o documento que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da educação básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A BNCC também determina que essas competências, habilidades e conteúdos devem ser os mesmos, independentemente de onde as crianças, os adolescentes e os jovens moram ou estudam. (BRASIL, 2018)

No âmbito da EF, o corpo é uma temática bastante presente, por conta da padronização e estereótipos corporais existentes e impostos, esse processo dita supostas regras de que devemos nos encaixar para que sejamos aceitos socialmente. Entretanto, quando se tem uma visão de corpo/sujeito que não seja vislumbrada somente pelo olhar biológico, compreende-se que este corpo, deve ser compreendido e respeitado de acordo com as suas individualidades e potencialidades, por isso, enquanto docentes, precisamos nos sensibilizar e refletir sobre que tipo de corpo nós estamos produzindo e evidenciando e com que tipos de corpos estamos comprometidos, especialmente no que se diz respeito às aulas de EF

A concepção de corpo é construída ao longo do tempo e da história. Com os avanços da ciência e da tecnologia, algumas visões de corpo foram marcadas e influenciadas por modelos padrões impostos pela sociedade. Ao refletirmos sobre uma concepção do ponto de vista antropológico, é possível ampliar a visão da EF sobre o corpo para algo muito maior do que somente um conjunto biológico de ossos, músculos e articulações. Por isso que, para cada sociedade, o corpo humano é o símbolo da sua própria estrutura, agir sobre o corpo é sempre um meio, de alguma forma, de agir sobre a sociedade. Além disso, o modo de representar o corpo na arte é um reflexo da estrutura social, de uma visão de mundo e de uma definição de pessoa.

Nesse sentido, é necessário problematizar as visões de corpo que circulam no senso comum, a fim de romper com o que é denominado na sociedade como “feio”/ “bonito” e que geram os estereótipos corporais. Para isso, é necessário que haja uma visão ampliada do mundo e dos processos históricos referentes à formação humana, como forma de trazer uma visão crítica sobre as representações hegemônicas, aumentando a capacidade de compreensão da multiplicidade de questões que envolvem as reflexões acerca do corpo na EF.

Conteúdos

Arte e EF: Tematizando o Corpo, Cultura e Saúde, através das obras artísticas de FB

Recursos

Foram utilizados data show, imagens artísticas, tatames, e atividades impressas.

Avaliação

A avaliação esteve presente na progressão do aluno ao longo das atividades, e em como o processo educacional está sendo efetivado, baseado nos objetivos da intervenção.

4.2 POSSIBILIDADES ENVOLVENDO ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola é uma instituição social que está intimamente ligada à sociedade, carregando assim nas práticas escolares sinais da cultura e das relações sociais. A forma com que o corpo é representado, utilizado e modificado na escola é construído historicamente, trazendo heranças de outras épocas e de outras maneiras nas quais os homens são educados. (KRAEMER; PROBST, 2012)

A incorporação da arte, em consonância com a EF, tem como objetivo propor outra forma de conhecer o mundo, de compreender e incorporar a multiplicidade com a qual se constrói o conhecimento, propondo ainda o rompimento com as clássicas versões que se construíram ao longo do tempo relacionadas à temática do corpo.

Segundo VAZ (2002) a aula de EF não é o único local o qual o corpo é dimensionado para a construção de sua identidade e subjetividade. Existem outros espaços de formação configurados nas mais variadas instâncias e significados que contribuem para este fato, ou seja, a produção identitária do sujeito se dá também nos ambientes externos a escola.

A EF, comumente é confundida como uma prática relacionada ao fenômeno esportivo e a uma prática corporal específica, “os meninos jogam bola” e “as meninas jogam queimado”, esse fato, pode ser visualizado no contato inicial com os alunos do 9º ano, quando fora perguntado: “*O que é EF?*”

[...] o que se vê muitas vezes são aulas de EF que contemplam alguns aspectos da cultura corporal de movimento e deixam de lado outros. Apesar do Movimento Renovador da EF brasileira, que ocorreu no decorrer dos anos de 1980 ter estimulado mudanças significativas na área, ainda é bastante comum se associarem as aulas de EF apenas às práticas esportivas. [...] (RODRIGUES et al. *apud* BASEI, E VIEIRA, 2007, p.9).

Segundo o Coletivo de Autores, “Perguntar o que é EF só faz sentido, quando a preocupação é compreender essa prática para transformá-la” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.50)

Nessa perspectiva, é necessário salientar que ao vislumbrarmos uma EF, baseada na *Cultura Corporal de Movimento*, a preocupação deve estar baseada em apresentar aos alunos, uma nova visão a respeito de questões emergentes e urgentes para a nossa sociedade; a temática do corpo é uma delas.

Nesse sentido, ao iniciarmos um debate e construção de uma temática tão complexa e historicamente travada por questões sociais, culturais e identitárias de um povo, é preciso

chegar-se de uma forma acessível e didática aos alunos. *Por isso, como fazer uma abordagem inicial sobre os corpos?*

Figura 5: Os corpos nas animações



Fonte: <https://segredosdomundo.r7.com/curiosidades/>

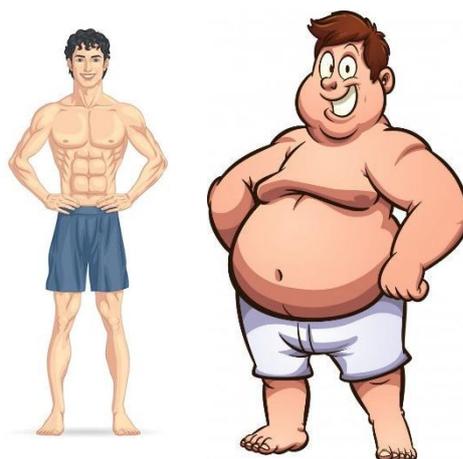
As imagens acima referidas são imagens de alguns corpos presentes nas animações e que a diferença corporal entre elas, nos auxiliam a introduzir o aspecto referente ao tema do corpo. Em sequência crescente, nós temos a Mulher Elástica (Os Incríveis) o Crítico gastronômico (Ratatouille) Salsicha (Scooby-Doo) e Tarzan (Tarzan), que estão representados os corpos magros e considerados “padrões” na sociedade. É possível ver que cada corpo possui uma singularidade, estatura e forma anatômica diferente, esse processo nos faz enxergar que, apesar de, estruturalmente, os corpos possuem características “parecidas”, eles são únicos.

Em seguida, na descrição das imagens, temos Majin Boo (Dragon Ball Z), Úrsula (A Pequena Sereia), Patrick Estrela (Bob Esponja) e o Senhor Incrível (Os Incríveis), que representam os corpos “gordos” ou, como FB diria, “volumosos”. A diferença corporal visualmente esclarecida nas imagens, serviu de pontapé inicial à discussão, afinal, só conseguimos compreender aquilo que conhecemos, e, por isso, utilizamos dessa ferramenta pedagógica para iniciarmos o debate sobre corpo e arte.

A importância desse debate inicial no contexto escolar, em especial quanto às relações possíveis com a EF, existe em seu potencial pedagógico a possibilidade da discussão e da desnaturalização de padrões de beleza veiculados nos mais diversos mecanismos de

comunicação. Del Priore e Amartino (2011), em sua investigação a respeito das padronizações estéticas, advertiram que houve um crescimento de inúmeras doenças relacionadas ao corpo na cultura ocidental, entre as quais, muitas proveram do sentimento de insegurança, frente à propagação de estereótipos corporais valorizadas quase que inalcançáveis por boa parte da população.

Figura 6: A Diferença entre os Corpos



Fonte: <https://in.pinterest.com/pin/592856738433368725/>

Ao longo do processo pedagógico, realizamos uma atividade, perguntando “*Qual destes corpos são saudáveis?*”

Incrivelmente, a resposta de todos dos alunos, como esperado, foi a de que o corpo saudável era o corpo magro, mostrando-nos que o imaginário social de que a magreza é sinônimo de saúde, sem levar em consideração os mais variados contextos que os indivíduos estão inseridos. Sabe-se que, por isso, a necessidade de compreender o fato de que, no seu contexto histórico, a EF era vista como a educação do corpo, por meio da ginástica, o que levava ao pensamento errôneo de que os exercícios por meio da ginástica era o discurso imaginário para se constituir um corpo são e forte. Em relação a uma abordagem mais ampla no seu contexto histórico no âmbito da EF escolar, em particular no que diz respeito aos seus fins, Bracht (2013) menciona que:

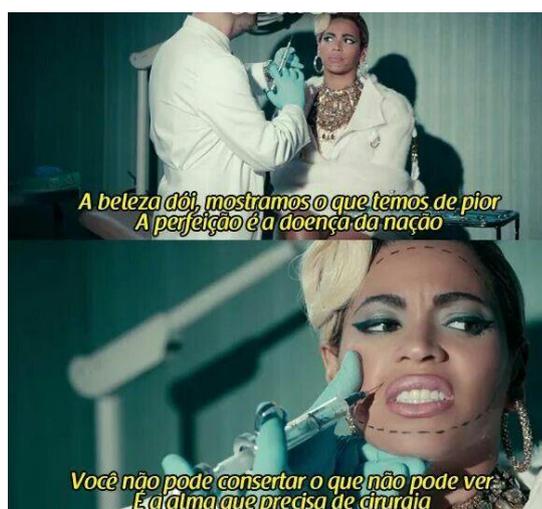
Quando se pensava a relação Escola-Saúde, era (ou é) incontornável pensar na EF em função da influência do pensamento médico que patrocina o entendimento da relação entre atividade física e prevenção dos grandes riscos à saúde que representam o sedentarismo, as doenças crônico-degenerativas e a obesidade. Outro detalhe importante, é que a EF escolar é entendida nessa perspectiva como uma atividade diretamente fomentadora de saúde (uma espécie de prática paramédica de prevenção de doenças), daí que a preocupação tem sido mais com o exercitar do que com o educar propriamente é quase que apenas um problema de fisiologia e não de pedagogia. (BRACHT, 2013, p.179)

Por isso, surge essa necessidade de se discutir os imaginários acerca dos estereótipos vigentes sobre o que é saúde e estética na constituição social. Esse mecanismo é visualizado como alicerce fundamental para a práxis do docente em EF, pois é um problema persistente em nossa sociedade, e estrutural no quesito relacionado à sua formação acadêmica. É necessário fazer-se uma desconstrução do imaginário existente naquele ser em formação, para que a partir daí, haja um novo olhar acerca do mundo, dos corpos e do contexto em que aquele ser está inserido, para que a práxis seja evidenciada a partir de um olhar crítico e consciente. Em entrevista ao Jornal da Unicamp, a professora Francielly Baliana, nos diz que:

Parece impossível conceber um olhar sobre a história da arte sem que este caminho aponte também para a história do corpo. Em sua mais vasta fluidez ou mesmo na rigidez material que o limita, o corpo parece o espaço mais palpável onde a arte acontece, onde temos sentidos que são estimulados e percebidos, e a imensidão de um outro alguém, objeto ou espaço encontra possibilidade real de interação. Embora não haja uma única definição do que é ou de que maneira a arte irrompe, muito menos de quando sua existência toca ou coexiste com o que se convencionou chamar de corpo, o modo como os processos educacionais apresentam essa relação ainda é objeto de diversos questionamentos, tidos, por especialistas como fundamentais para se compreender e se projetar caminhos possíveis para a educação. (JORNAL DA UNICAMP, 2018, p.3)

Por isso, iniciar esse debate com alunos do ensino fundamental requer um cuidado e conhecimento amplo, para trazer diferentes possibilidades de interpretação a respeito do tema, visto que eles estão inseridos numa cultura de ter aulas de EF, sem uma sistematização de conteúdo, ou conhecimento, afinal, não há como discutir sobre o corpo sem debater as questões históricas que travaram esse processo. Por isso, Martiny et al nos diz que: “[...] reflete-se o papel da EF na escola, por se acreditar que os saberes oriundos dessa área de conhecimento podem constituir componentes essenciais para a formação dos sujeitos envolvidos no processo educativo. “ (MARTINY, et al, 2021, p.2)

Figura 7: O *Bullying* Escolar



Fonte: <https://starcasm.net/watch-beyonces-pretty-hurts-video/>

A imagem acima referida, trata-se de um trecho de um vídeo musical da cantora Beyoncé, intitulado “PrettyHurts”, a tradução literal é “A beleza machuca”. Trata-se de uma das abordagens realizadas para se discutirmos sobre o corpo no âmbito escolar, nesse caso, através do recurso visual, utilizando-se de uma cantora mundialmente conhecida, para aproximar ainda mais os alunos às questões estéticas e corporais.

Na escola, o *bullying* está disfarçado de brincadeira e sempre enaltece uma característica negativa a respeito do outro. Essa dinamização está relacionada diretamente ao imaginário do que é “belo” e o que é “feio” na visão dos educandos e isto se dá pela construção social aos quais eles estão inseridos. Botelho e Souza (2007) nos diz que:

Bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora) que ocorrem sem motivação evidente e de forma velada, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), dentro de uma relação desigualdade e poder. Este fenômeno se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas. (BOTELHO, SOUZA, 2007, p.62)

No dia em questão da aula referente ao *bullying*, uma aluna, que por sinal, possui um corpo volumoso, após o vídeo, quis comentar sobre o motivo pelo qual ela geralmente não participava das aulas de EF, e, como imaginado, estava interligado ao fato do julgamento existente por parte de alguns educandos, apelidando-a de diversos nomes pejorativos, inclusive, na hora do recreio. Ela ficou bastante emocionada e pude perceber que os alunos ficaram pensativos sobre o relato e com a visão trazida nesta aula, mostrando-nos a importância de apresentar e debater temas tão atuais como o corpo.

Daolio (1995) nos ensina que o corpo não fala sobre o corpo; se assim fosse, estaríamos aqui centrados em pensar somente mais um corpo na sua dimensão biológica e fisiológica. Necessita-se pensar o corpo a partir das discussões que a sociedade atual enfrenta ao longo da sua história, visualizando o tipo de corpo que queremos produzir na sociedade. Se queremos que o corpo seja livre, é preciso que seja realizada uma linha de pensamento, baseada num corpo que seja consciente do seu papel no mundo, a fim de exercer a cidadania.

Após essa dinamização inicial de inserção dos alunos a temática referida, chegamos ao ápice da nossa investigação: articular as obras de FB no âmbito escolar. Na próxima seção temática, discutiremos e debateremos sobre estas questões. Aqui, o intento foi familiarizar os alunos com a temática, a partir de um elemento contundente da realidade aos quais foram inseridos.

Esse processo de construção deu-se pela perspectiva de formação ao qual eu fui submetido: a de visualizar o campo da EF através das ciências humanas e sociais. Percebe-se que, para romper com o tradicionalismo das aulas de EF, é necessário um conhecimento ampliado e específico. Os recursos didáticos-visuais serviram para demonstrar e trazer aspectos do mundo imaginário para o mundo real, ou seja, materializar de forma visual a corporeidade para que possamos ressignificar o imaginário existente no mundo atual.

Afinal, estamos apresentando e evidenciando um “corpo” que pensa, sente, toma decisões e se movimenta. Partimos do pressuposto de que esse tipo de narrativa argumentativa despertará nos alunos o anseio em compreender o fenômeno corporal como parte da sua própria existência, a partir de um vislumbre criativo de se compreender a humanidade e a sua complexibilidade.

4.3 NOVOS DESAFIOS À EF: ESTUDAR, CONHECER, ENVOLVER-SE COM ARTES

Os desafios referentes à EF são múltiplos e complexos, mas, o que foi visualizado na minha experiência de ensino, foi o fato de que a deslegitimação que a EF passou (e passa) no âmbito escolar, está relacionado diretamente a formação inicial. É nítido que há uma falta de clareza sobre a nossa importância no interior da escola e principalmente a falta de uma articulação pedagógica para o ensino desta disciplina. Trago esse relato inicial, pois na referida escola ao qual o meu estágio foi executado, há 3 professores de EF, mas, não se há uma unidade constructo-pedagógica para se tematizar a EF, por isso, *qual a nossa missão no âmbito escolar? Que tipos de corpos queremos educar?*

É atrelada a essa perspectiva que considero que não há como se debater temas cruciais na escola sem ter o entendimento do processo de construção histórica que a nossa sociedade foi inserida, onde a temática do corpo esteve sempre em voga, seja pelo cunho estético, religioso e de disciplinarização dos corpos. Por isso, trataremos a seguir as intervenções interdisciplinares na experiência entre Arte e EF no interior da escola com o artista FB.

O processo inicial antecede a prática de ensino em si. A Iniciação Científica realizada no ano de (2019-2020), foi o meu primeiro contato com a interdisciplinaridade entre Arte e EF, ambas as disciplinas inseridas nas denominadas "linguagens". Ao propor trazer essa dinamização em sala de aula, fora necessária uma compreensão específica sobre o autor, suas obras e principalmente sobre o propósito de se trabalhar estas obras na EF. Nesse sentido, para o debate sobre essas questões, foi necessário apresentar aos alunos o artista plástico FB, suas obras que contemplam corpos e objetos volumosos para assim conseguir mobilizar e envolver os alunos com a referida prática de intervenção.

Como eles já estavam “familiarizados” com a temática a qual iríamos debater, por conta das aulas introdutórias, fomos compreender o conceito de saúde, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde). Aproveitando a oportunidade de retomar os temas trabalhados, apresentei-lhes os Determinantes Sociais da Saúde, que segundo Buss e Filho 2007 “são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população.” (BUSS, FILHO, 2007, p.3)

Nesse sentido, ao retomar o conceito de saúde, e os fatores existentes para denominar esta prática, os alunos identificaram o “erro” ao associar um corpo magro a saúde, fazendo com que houvesse uma amplitude da visão de saúde existente, ou seja, padrão corporal

volumoso não significa necessariamente, doença. Aqui, estamos considerando a existência desses corpos na sociedade e o fato da oportunização e discussão do tema.

Figura 8: A Obesidade



Fonte: <https://www.ouniversodatv.com/2020/09/episodios-ineditos-de-quilos-mortais.html>

Ao nos propormos a trazer uma reflexão sobre corpos volumosos, é necessário compreender que a Obesidade, assim como a anorexia, é uma doença e que no processo aqui realizado, não temos o intento de “romantizar” a doença em si, mas sim, trazer uma visão referente ao imaginário social sobre beleza, estética e saúde, para além dos discursos midiáticos existentes, como forma de oportunizar aos alunos um conhecimento mais aprofundado sobre esta temática. Por isso, trouxe um trecho da série “Quilos Mortais” para que eles visualizassem e compreendessem a diferença entre saúde/doença/estética.

Após isso, o decurso das aulas debruçou-se na interpretação das imagens de FB, procedimento realizado no meu PIBIC, alimentado pelo exposto por Villarta-Neder (2015) ao se apropriar do **conceito de exotopia**, encontrado na obra de Bakhtin:

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. Esses atos podem ser infinitamente variados em função da infinita diversidade das situações em que a vida pode colocar-nos, a ambos, num dado momento. Mas em toda parte e sempre o excedente da minha atividade existe e seus componentes tendem a uma constância estável. (BAKHTIN *apud* VILLARTA-NEDER, 2015)

Por isso, Villarta-Neder (2015) visualiza que o lugar-outro, exterior à minha visão, seria a função de existência do outro, e essa epistemologia só pode ser concebida através da alteridade, traduzindo a exotopia como um *des-locamento*. Local esse que somos retirados para o lugar do outro. E a partir desse lugar que sou retirado, projeto-me em direção ao local do outro e desse lugar, eu me re-projeto para o meu lugar no mundo. Dessa maneira, a seguir, apresentamos e descrevemos algumas descrições das imagens feitas pelos alunos:

“Na imagem eu vejo um ambiente com a parede verde e uma porta vermelha, um chão marrom e uma mesa amarela com bebidas em cima dela. Há também uma garrafa no chão, vejo também a metade de uma mulher com um vestido verde e salto vermelho, também tem a metade de uma mesa amarela e o foco principal, um casal no meio da imagem dançando, a mulher está usando vestido vermelho e um salto preto, o homem, está com vestimentas pretas e um chapéu marrom, percebi que o casal é gordinho.” (ALUNO 1.)

“São duas pessoas dançando e que, para a sociedade, essas pessoas são gordas e fora do padrão imposto pela sociedade e que, segundo essas pessoas ‘gordos’ são incapazes de fazer qualquer coisa” (ALUNO 2.)

“Bem, além dos dois corpos, eles estavam dançando para distrair a mente, em um lugar de dança, num lugar cheio de pessoas boas e ruins. Porque as pessoas não sabem respeitar as outras pessoas. Cores muito bonitas e alegres, isso mostra que não importa o corpo, a cor da pessoa ou o gênero, e sim a felicidade nos rostos deles e a alegria de viver, além do cabelo dela que é lindo.” (ALUNO 3.)

“Eu vejo um casal gordinho dançando numa festa, eu os achei muito fofinhos, muita música, muita dança, muitos beijos, eles são um casal perfeito. Não é só porque eles são gordos que precisa diminuir eles não. Ninguém é melhor que ninguém, então não há por que querer ser melhor.” (ALUNO 4.)

“Aparentemente vemos uma festa vintage, retrô, com musicistas tocando grandes instrumentos musicais. Logo, vimos também um casal dançando ao som da música, que parece ser um jazz agitado. Na imagem, temos uma temática dos anos 50, algo bem bacana aliás, parece ser uma festa à noite por conta das luzes acesas. Parece um casal de crianças pela estatura, a imagem transporta uma vibe maravilhosa, fazendo as pessoas que estão vendo, entrar na ilustração da época.” (ALUNO 5.)

Essas foram algumas das várias interpretações feitas pelos alunos, há uma percepção e aprofundamento da imagem, vislumbrando os aspectos para além do volume corporal, ou seja, eles compreenderam aqui a potencialidade que os corpos carregam consigo, pois, a exotopia, com o seu contexto de “ver-se-a-partir-do-outro”, que consiste em um deslocamento, que seria o lugar de que sou retirado porque sou projetado para o lugar do outro, perspectivando a imagem aqui analisada, nos mostra que a proporção dos corpos dentro da imagem ganha um volume crescente, visualizamos corpos, de homens e mulheres, que, seja tocando instrumentos, seja dançando, estão em espaços de socialização e divertem-se, encontrando formas de socialização.

O autor, com a sua perspectiva de dar volume às suas figuras, nos mostra a grandiosidade que o fenômeno da dança exerce na cultura colombiana. Partindo disso, os alunos visualizaram mais uma vez a corporeidade em voga, corpos que se movimentam, que são felizes, e que não se limitam ou que não conseguem perspectivar em si a possibilidade do movimentar-se.

Figura 9: Comentários no TikTok



Fonte: Aplicativo TikTok

A imagem acima, são comentários extraídos da rede social TikTok, onde podemos visualizar nos discursos, seres que se acham no direito de opinar, ridicularizar e incapacitar os corpos que fogem do padrão. Pensando na perspectiva de que, atualmente, a maioria dos jovens utilizam as redes sociais, como Instagram, TikTok, Facebook etc.

Nos dias atuais, com a disseminação dos aparelhos televisores e do acesso à internet, associada ao maior poder de consumo dos brasileiros nas últimas décadas, vemos emergir, cada vez mais, a veiculação indiscriminada de informações de todas as qualidades e gêneros. Aos professores de EF (EF), além dos saberes advindos de suas histórias e experiências de vida, de sua formação profissional nos cursos de graduação e pós-graduação, soma-se uma infinidade de conteúdos oriundos de noticiários e transmissões esportivas, programas de televisão e revistas “especializadas” nas temáticas da qualidade de vida e saúde, emagrecimento e beleza etc. (MENDES, MEZZAROBIA, 2012, p. 60)

Segundo Mendes e Mezzaroba (2012), os elementos da EF, de forma especial o corpo, têm sido apresentados e demarcados pela cultura da mídia, seja nos corredores, pátios, ginásios e salas de aula. Boa parte dessas discussões midiáticas se refere ao culto pelo corpo

sarado, por isso, a necessidade de compreender as inter-relações presentes nos discursos da mídia sobre o fenômeno da cultura corporal de movimento.

Fomos analisar e visualizar estes discursos no contexto midiático, a fim de aproximar mais uma vez, algo ao qual eles estão familiarizados e que nos auxiliariam a pensarmos sobre essa perspectiva. Cada aluno encontrou um comentário diferente; ao todo, foram mais de 30 comentários maldosos de pessoas ridicularizando o outro pelo seu formato corporal. Aqui, evidenciei o perigo da era digital e o fato de muitos indivíduos aproveitarem a tela do celular para tecer comentários sobre diversas temáticas sem ser visto, mas, no dia a dia, eles teriam coragem de proferir esses comentários sobre o outro?

Majoritariamente, os alunos disseram que “não”, e que também já haviam recebido comentários sobre os seus corpos, não necessariamente sobre gordura, mas sim, evidenciando alguma característica, considerada “negativa” pelo outro. Demonstrando que, a nova geração, ligada à internet está a todo momento sendo atacada de alguma forma, desencadeando questões referentes à forma como elas se enxergam no mundo. Nessa perspectiva, a relação de EF com Artes, pode permitir esse movimento de tematização e reflexão, porque a arte torna-se uma forma de sensibilização e de mobilização de questões mais complicadas de serem trabalhadas.

Por continuidade, e considerando a dimensão teórico-prática da EF, e entendendo que esse processo não é dissociável, a partir da construção feita, realizamos uma aula na quadra, para montarmos quebra-cabeças com as imagens de FB tematizadas em sala, separamos a turma em grupos e cada um deles montou o quebra cabeça referente a sua imagem. Logo após esse processo, fora inserida uma “atividade teatral”, que consistiu na interpretação das imagens a partir da visão construída por eles. Cada aluno criou um roteiro “improvisado” para que fosse visualizada a capacidade de reflexão adquirida ao longo do processo.

Na penúltima aula desenvolvida, e após o debate feito sobre a questão corporal através dos subsídios de Fernando, com todo o conteúdo e aporte teórico desenvolvido com eles, resolvi fazer uma sessão de debate. Separamos a turma em 2 lados, um dos quais era a favor do corpo magro, e o outro, que via a possibilidade de todos os corpos se movimentarem independentemente do volume corporal.

Houve uma discrepância na divisão: dos 42 alunos, 35 ficaram do lado do 2º time e as outras 7, do lado no time do corpo magro, para conduzir o debate, introduzi perguntas referentes ao longo do processo das aulas para que pudessem dar concretude a hipótese que eles iriam alimentar. As perguntas foram as seguintes:

- O que é saúde de acordo com o que debatemos em aula e os aspectos a serem considerados sobre um indivíduo saudável?
- Como o gordo era considerado inicialmente na História?
- Nas imagens de FB, vocês visualizaram corpos doentes ou incapazes?
- O que os padrões estéticos fazem com pessoas que não seguem esse tipo de padrão?
- Você já proferiu algum comentário sobre o corpo de alguém? Por quê?

Essas perguntas renderam um debate bastante rico e profundo, durou quase 1 hora e precisou ser encerrado, pois eles teriam aula de outra disciplina. No final, os alunos conseguiram convencer os colegas que estavam no time que defendia o corpo magro, a compreender que as questões referentes ao corpo humano estão para além da estética.

Dessa forma, podemos visualizar um avanço na forma como se tematiza a EF, visto que:

[...] a noção de que a EF, tradicionalmente, pouco tem sido pensada dentro de um projeto educacional pautado pela ideia da “leitura do mundo”. Diversos estudos em nossa área têm revelado que originalmente a EF entra na escola com o claro propósito de preparação do corpo e/ou, por meio do corpo, do caráter. Ainda tem mantido um sentido periférico e autônomo com respeito aos projetos escolares, atendendo, geralmente, a interesses de outras instituições. Longe, assim, do que podemos considerar um componente curricular no sentido de matéria escolar. (GONZÁLEZ, FENSTERSEIFER, 2010, p. 17)

Por fim, ao chegarmos na última aula, fizemos uma avaliação do processo construído ao longo destas 10 aulas, os alunos puderam expressar e dizer o que compreenderam de tudo o que fora falado, tematizado, discutido e evidenciado ao longo do processo de construção do conhecimento.

“O senhor trouxe algo muito diferente e legal para a sala, nunca pensei que existia tanta coisa por trás do corpo, do *bullying* e ver que outros corpos também são bonitos.” (ALUNA 1, 14 ANOS)

“Tio, apesar de não ter tido futebol na sua aula, foi bom descobrir sobre esses temas que a gente nunca tinha ouvido falar.” (ALUNO 2, 15 ANOS)

“Professor, o senhor é muito massa, não sabia nem metade de tudo o que o senhor trouxe para a gente, muito obrigado.” (ALUNA 3, 15 ANOS)

Encerro este relato referente a prática de ensino com a certeza de que fora trilhado um caminho bastante íntegro e conciso no meu processo enquanto professor, a temática do corpo, mostrou-me um novo universo na EF, trazendo uma interlocução bastante rica sobre o processo de constituição da formação e conduta humana. A seguir, trago as discussões a

respeito dessa experiência enquanto docente. Com ênfase em pontos importantes descritos aqui neste relato de aulas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artista FB apoiou nossa prática docente com suas obras, entrando em contato com essa perspectiva (artística, investigativa e pedagógica), nos forneceu elementos que auxiliam os alunos a conhecer o contexto científico-pedagógico da EF com as Artes.

Os processos aqui descritos convidam à reflexão e ao diálogo, à tensão e à problematização dos padrões corporais e ideais de beleza, além do estigma associado aos corpos volumosos, como em nosso trabalho como professores, e incentivam nossos alunos a fazê-lo. Isto ajudou a tentar mobilizar um espírito crítico. E este princípio representa uma visão consciente para que diversas organizações respeitem as diferenças.

Um dos nossos objetivos foi pensar nas possíveis problematizações desse conhecimento na EF escolar. Sabemos que a instituição de ensino é um espaço único e complexo, que permite aos alunos discutir temas e problemas que dão sentido às suas vidas e às suas experiências como cidadãos. E a EF, como componente curricular, com seu conjunto de saberes e ações, abordou historicamente, das mais diversas formas, questões intrínsecas ligadas ao corpo (embora tradicionalmente do ponto de vista biológico, motor e prático), e hoje entendemos e visualizamos possibilidades como esta, mobilizando novos conhecimentos, reflexões, diálogos, outras dimensões práticas que não implicam mover-se por mover-se, mas um movimento humano que considere a cultura e o conhecimento especialmente neste momento histórico. momento de tensão. corpos e suas identidades, manifestadas pela origem étnica, gênero, classe social etc.

As dimensões do conhecimento contidas na BNCC (BRASIL, 2018) destacam essa possibilidade e o potencial que inclui a EF e a ilustração, experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação construção de valores, análise, compreensão e efetivação da comunidade. Historicamente, os corpos que se desviam do “padrão de normalidade” são muitas vezes alvos de críticas, olhares de desaprovação e comentários ofensivos, mas para abordar essas questões que envolvem “normas sociais” em relação aos “corpos” e suas “diferenças”, a EF, nesse contexto, surge para perspectivar um novo olhar para com a corporeidade no seu sentido existencial.

Não temos dúvidas de que cabe ao professor e à professora oferecer aos seus alunos uma nova perspectiva, explorando os modelos corporais e suas diferenças e ampliando o conhecimento dos mais diversos contextos históricos, sociais e culturais. Precisamos entender que somos diferentes e que essa diversidade faz parte do ser humano e deve ser uma prática constante para quem atua no meio educacional, principalmente para quem ingressa no

campo pedagógico da EF, pois essa dimensão da abordagem, corpo e arte não é apenas um aspecto técnico, estético e pedagógico, mas uma porta de entrada para lidar com questões relativas ao corpo e à política.

O objetivo geral desta pesquisa esteve exposto numa análise reflexiva em relação à experiência de ensino com alunos do ensino fundamental I da rede Municipal de Ensino de Nossa Senhora do Socorro. Visualizamos que nesse processo, muitos são os pontos a serem debatidos no ambiente escolar, tendo em vista a complexidade de se compreender o corpo por múltiplas instâncias. Dessa forma, considerando a existência de corpos múltiplos na sociedade, como podemos utilizar o subsídio da arte em consonância com a EF para tematizar, corpo, cultura e estética através das obras artísticas de FB?

O debate aqui escrito, está elencado no fato de que não podemos pensar e discutir o corpo apenas pela sua composição corporal, é necessário que haja um sentido e intencionalidade por trás das aulas de EF. As obras de FB, serviram como instrumento didático para ampliar a discussão referente ao corpo, partindo de questões históricas, até a discussão sobre estética e saúde.

O eixo temático “possibilidades envolvendo arte e EF no contexto escolar” nos ensina que a incorporação da arte, em consonância com a EF tem como objetivo propor outra forma de conhecer o mundo, de compreender e incorporar a multiplicidade com a qual se constrói o conhecimento, propondo ainda o rompimento com as clássicas versões que se construíram ao longo do tempo relacionadas a temática do corpo.

O eixo temático “novos desafios à EF: estudar, conhecer, envolver-se com artes” trouxe em seu interior o fato da necessidade de trazer à tona as questões mais específicas da sociedade, visto que as artes estão descritas na história desde o início da civilização. É papel do professor de EF, aglutinar em sua formação inicial um conhecimento amplo, atrelado às humanidades, para que se oportunize aos educandos, uma visão crítica e consciente sobre o fenômeno corpóreo.

Nesse sentido, a estética existente nas obras de FB, como o próprio artista o descreve, não é uma apologia ao corpo obeso nem um esforço de prevenção da obesidade. Em vez disso, seu trabalho se concentra em um sentido figurativo de estética que valoriza quantidades como exagero, sensualidade e tensão em nossos olhos. Verificamos a real possibilidade de apresentá-los aos jovens, na EF escolar, e a partir disso, abordarmos o tema do corpo envolvendo a história, arte, cultura e práticas corporais.

Percebe-se assim, a importância do diálogo entre a Arte e a EF, pois vislumbramos nas obras do artista o rompimento histórico relacionado aos padrões corporais comumente existentes e as limitações que foram impostas aos corpos considerados volumosos, como forma de trazer à tona o fato de que a existência dos mais diversos corpos, nas suas mais diversas significâncias, não impede que este mesmo corpo esteja em movimento, relacionando-se com os outros, inserindo-os assim na sociedade.

6. REFERÊNCIAS

- ALMADA, Isabella Fernades. Relicário Tarkovsky: **as imagens, o artista, a conexão**. 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/21886>. Acesso em: 17 ago. 2023
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. A obesidade e a indústria do emagrecimento. **ComCiência**. Campinas/SP, n. 145, fev. 2013. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100009&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 09 mar. 2020.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; DE SOUZA, José Maurício Capinussú. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física/Journal of Physical Education**, v. 139, 2007. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/506>
- BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 77-93, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?format=html>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1999.
- BRACHT, Valter. Corporeidade, cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária, 2006, p. 97-105.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CERCADO, Cintia. Preconceito contra a obesidade chega a ser pior do que a doença em si. **UOL – Universo OnLine**. 06 mar. 2020. Disponível em: <https://cintiacercado.blogosfera.uol.com.br/2020/03/06/preconceito-contr-a-obesidade-chega-a-ser-pior-do-que-a-doenca-em-si/> Acesso em: 09 mar. 2020.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 1992. 84 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_49_-_Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fsica.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e futebol**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- DAOLIO, Jocimar. A Educação Física escolar como prática cultural: tensões e riscos. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia/GO, 8/2, jul./dez. 2005, p.215-216.
- DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- FIGUEIREDO, Simone Pallone de. Abordagens de obesidade na mídia e a construção de ideia de epidemia. **ComCiência**. Campinas/SP, n. 145, fev. 2013. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=85&id=1048> Acesso em: 09 mar. 2020.

- FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade; 1995. p. 69-80.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- GÓIS, Edna Cristina. A procura de si: a representação do corpo em Cintia Moscovich. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 33, 2009, p. 59-70 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127097011>Acesso em: 09 mar. 2020.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 10-21, 2010.
- JULIÃO, André. Quase 30% dos adolescentes de São Paulo afirmam ter sofrido bullying. **UOL – Universo OnLine**. São Paulo, 03 fev. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/02/03/quase-30-dos-adolescentes-de-sao-paulo-afirmam-ter-sofrido-bullying.htm> Acesso em: 09 mar. 2020.
- KRAEMER, Celso; PROBST, Melissa. Sentado e quieto: O lugar do corpo na escola. **Atos de pesquisa em educação**. Santa Catarina, v.2 p.507-519. Mai 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/23961491/Sentado_e_Quieto_O_Lugar_Do_Corpo_Na_Escola
- LACERDA, Marco. Fernando Botero, um artista de peso. **Domtotal.com**, Belo Horizonte, 17 dez. 2012. Disponível em: <https://domtotal.com/fato-em-foco/98/2012/12/fernando-botero-um-artista-de-peso/>Acesso em: 9 mar. 2020.
- LEMONS, Anna Paula Soares; OLIVEIRA, Joaquim Humberto Coelho de; MEIHNHY, José Carlos Sebe Bom. Arte e obesidade: tempos estéticos do corpo feminino. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa – UNIGRANRIO**, Rio de Janeiro, ano 2, v. 1, n. 1, 2015, p.139-153. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/3128> Acesso em: 9 mar.2020.
- MAGGIONI, Ana Paula. **Arte e interpretação da realidade em Gabriel García Márquez e Fernando Botero**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, 2007.
- MARANI, Vitor Hugo; LARA, Larissa Michelle; SOUZA, Juliano de. O agenciamento do corpo na modernidade reflexiva: notas e excertos a partir de Anthony Giddens. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25046, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/81818>Acesso em: 09 mar. 2020.
- MARTINY, Luis Eugênio; THEIL, Larissa Zanetti; NETO, Eloy Maciel. A legitimação da educação física escolar: a cultura corporal de movimento como linguagem e condição de possibilidade de conhecimento. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 3,

- p. 241-247, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8766546>. Acesso em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8766546>
- MATOS, Keyte dos Santos. **Obesidade e bullying: uma análise a partir do contexto das aulas de Educação Física Escolar**. 2011. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2011.
- MENDES, Diego de Sousa; MEZZARROBA, Cristiano. Como incorporar a mídia/TICs nas aulas de educação física: uma análise das proposições veiculadas na Revista Nova Escola. **Impulso**, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11637> Acesso em: 10 set. 2023
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023
- NECHAR, Patricia Assuf. Diversidade de Corpos: a ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento Plus Size. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Joinville, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1009-1.pdf> Acesso em: 09 ago. 2023
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goular (orgs.). **Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- OLIVEIRA, Alexandre Palma de; ASSIS, Monique; VILAÇA, Murilo; ALMEIDA, Marcelo Nunes de. Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, out./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29089> Acesso em: 10 mar. 2020
- ORTEGA, Francisco. 1999. Amizade e estética da existência em Foucault Rio de Janeiro: Graal.
- PETRY, Michele Bete. Fernando Botero, caricaturista ou um artista com olhar volumétrico? **Contemporânea**, Florianópolis, n. 6, dez./2016. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0040766909a9d02b1e0b1?page=3> Acesso em: 09 mar. 2020.
- REINERT, Priscilla da Silva. **Meu corpo volumoso como suporte da arte: discussão sobre o bullying na escola**. 2017. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação em Artes Visuais, Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma/SC, 2017
- RIGO, Luiz Carlos; SANTOLIN, Cezar Barbosa. Por que o termo “gordo” se tornou politicamente incorreto no Brasil? CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12, 2012, Rio Grande/RS. **Anais...** Rio Grande/RS: CBCE, 2012, 13 p. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/6csbce/sul2012/paper/view/3978>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- RODRIGUES, Merghie. O gordo, o belo e o feio: o embate entre obesidade e padrões estéticos. **ComCiência**. Campinas/SP, n. 145, fev. 2013. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100005&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 09 mar. 2020.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Da gordinha à obesa**. Paradoxos de uma história das mulheres. São Paulo: Labrys, étudessféministes/ estudos feministas, 2014.

- SANTOLIN, Cezar Barbosa; RIGO, Luiz Carlos. Representações da obesidade no cinema: o “burguês gordo” em A Greve (1925) de Eisentstein. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e 25076, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/91815> Acesso em: 09 mar. 2020.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SILVA, Maurício Roberto; PIRES, Giovani De Lorenzi. Editorial. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XI, n. 15, ago./2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5847/5369> Acesso em: 10 mar. 2020.
- SOARES, Carmem Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, v. 2, pág. 75-88, 2005. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2869> Acesso em: 15 ago, 2023
- VAZ, Alexandre Fernandez. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, Alexandre Fernandez *et al* Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/QKtYfspSKpsdmhwZbzHdyGQ/> Acesso em: 10 out. 2023.
- VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis,RJ:Vozes,2012

7. APÊNDICES

Nesta seção, estão contidas as imagens que puderam ser registradas ao longo do processo formativo, sendo-as de grande valor, no sentido de demonstrar que a referida prática foi efetivada.



















